

Variação e mudança na expressão do dativo em comunidades rurais goianas e suas relações com as origens do português brasileiro

André Marques do Nascimento*

RESUMO: Investiga-se, neste trabalho, a regularidade subjacente à variação no uso de formas introdutoras de complementos dativos de verbos bitransitivos, em amostras de fala de comunidades rurais goianas. Busca-se, através do referencial teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, verificar quais fatores lingüísticos e extralingüísticos que atuam na alternância entre as formas *a~para~Ø* para a expressão de conteúdo dativo, além de relacionar o fenômeno ao debate sobre as origens do português brasileiro.

ABSTRACT: The regularity underlying variation in the use of dative complements of ditransitive verbs in speech samples of rural communities from Goiás is investigated in this work. Through quantitative sociolinguistic approach, it aims to verify which linguistic and social factors act in the alternance among *a~para~Ø* forms to express dative content besides bringing this variable phenomenon into relation to the discussion concerning to the structural origins of Brazilian Portuguese.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como intuito principal analisar um processo de variação sintática subjacente à expressão de complementos indiretos dativos de verbos bitransitivos. Coerentemente com os postulados teóricos da Sociolinguística Variacionista, o fenômeno variável foi observado no seio de comunidades de fala rurais

* Doutorando em Letras e Linguística. Professor da Faculdade de Letras/Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Goiás. Este trabalho é uma versão sintetizada dos resultados apresentados na dissertação de Mestrado *A variação na expressão do dativo em variedades lingüísticas rurais goianas* apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, em agosto de 2007

goianas, a saber as comunidades dos Almeidas, de Pombal, de Traíras e de Acaba Vida/Fazt tudo¹. Na variedade lingüística destas comunidades de fala, algumas formas se alternam para a expressão do conteúdo dativo, como nos seguintes exemplos: “João deu um livro *a* Maria”, “João deu um livro *para* Maria” e “João deu \emptyset Maria um livro”. Assim, o foco deste estudo é, mais precisamente, o uso variável das preposições *a* e *para*, e também da ausência da preposição, representada por \emptyset , para a introdução de complementos dativos. Entre os principais objetivos está a busca por fatores lingüísticos e/ou extralingüísticos que influenciam o uso das formas em variação.

O fato de a variação no uso de preposições ser relacionada com os possíveis processos que deram origem ao português brasileiro serviu como motivação inicial para a realização desta investigação. Assim, este trabalho dedica-se também a inserir o fenômeno em foco no debate mais amplo acerca das origens estruturais do português brasileiro (PB). A linha argumentativa deste trabalho é que a variação sincrônica analisada tem sua origem na própria evolução do sistema português, desde fases arcaicas, e não no contato com línguas africanas em solo brasileiro.

1. As construções dativas

Em português, língua que tem no latim sua origem, reconhecem-se, tradicionalmente, as construções de complementos indiretos como as codificadoras das relações dativas. Segundo Rocha Lima (1976, p. 219), o objeto indireto é o “complemento verbal que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza”. As principais características desse complemento verbal, conforme Rocha Lima (loc. cit.), são: é introduzido pela preposição *a* e, às vezes, por *para*; corresponde, na terceira pessoa, às formas pronominais átonas *lhe* e *lhes*; e, não admite, salvo em raras exceções, a passagem para a voz passiva.

¹ Para informações mais detalhadas acerca da sócio-história destas comunidades rurais goianas remetemos o leitor a Nascimento (2007); Rezende (2000) e Pádua (2002).

Em síntese, para a tradição gramatical do português, o complemento dativo de verbos bitransitivos sempre será introduzido pela preposição *a* e, somente às vezes, pela preposição *para* (BECHARA, 2004; ROCHA LIMA, 1976); refere-se à pessoa destinada ou beneficiada pela ação verbal (BECHARA, 2004; LUFT, 2000; ROCHA LIMA, 1976); em terceira pessoa, é comutável com o pronome oblíquo átono *lhe* (BECHARA, 2004; LUFT, 2000; ROCHA LIMA, 1976); salvo em raras exceções, não admite passagem para a voz passiva (ROCHA LIMA, 1976).

Buscando generalizar as definições supracitadas para os fins deste trabalho, consideram-se como dativas as construções com verbos que denotam transferência, material ou não, e atos comunicativos (verbos de elocução) e que, semanticamente, são completados com três argumentos: um emissor (ou transmissor), um objeto (ou mensagem) transferido e um destinatário (ou receptor) da ação expressa pelo verbo (BRUYN; MUYSKEN; VERRIPS, 1999, p. 329). Esses argumentos semânticos são expressos na sintaxe, respectivamente, pelo que tradicionalmente se conhece como sujeito, objeto direto (OD) e objeto indireto (OI)².

Como a modalidade privilegiada neste estudo é a da língua portuguesa falada, algumas divergências em relação à forma do OI na língua escrita devem ser contempladas.

Um primeiro ponto de desacordo refere-se ao uso exclusivo da preposição *a* para a expressão do complemento dativo. Diversos estudos têm apontado a gradual substituição dessa preposição por *para* em contextos lingüísticos cada vez mais amplos, dos quais o dativo é um deles, e a acentuada queda do uso de pronomes clíticos no PB (cf. BISPO, 2004; OLIVEIRA, 2004; TORRES MORAIS, 2004; GOMES, 2003b, entre outros).

Além disso, estudos sobre o PB falado apresentam a possibilidade de ocorrência de OI dativo de verbos bitransitivos sem a presença de uma preposição, seja ela *a* ou *para*, e sem a presença de uma forma cliticizada. Como já exposto, é precisamente esse o objeto deste estudo, em que as formas *a*, *para* e \emptyset consideradas variantes.

² Para fins de clareza, será esta a terminologia por mim adotada neste trabalho.

2. A variação no uso de preposições introdutoras de *oi* dativo no *pb*

Nesta seção, são sumarizadas as principais contribuições referentes ao uso variável de preposições introdutoras de *OI* dativo de verbos bitransitivos que analisaram variedades do português brasileiro. Essas informações servirão para a formulação de novas questões referentes ao fenômeno aqui abordado, bem como para as hipóteses que nortearão a análise.

Conforme exposto, o objetivo central aqui é verificar quais são os fatores que influenciam o uso variável de preposições introdutoras de *OI* dativo em verbos com dois complementos na fala de comunidades rurais goianas e, mais precisamente, quais os contextos e as causas de ocorrência da variante \emptyset . No entanto, dada a relação deste fenômeno com outros do *PB*, novas questões complementares devem ser formuladas para uma visão mais abrangente do que se pretende investigar.

Assume-se previamente que o fenômeno abordado neste trabalho configura-se como um autêntico caso de variação lingüística. As formas *a*, *para* e \emptyset são alternativas para a expressão de um mesmo conteúdo referencial nos contextos dativos. Essa assunção refuta a idéia de que as formas alternativas estejam em variação livre (SCHER, 1996) e prevê a possível sistematização dos fatores que influenciam no uso de uma ou outra forma, ou seja, postulo que ao sistema lingüístico usado pelas comunidades de fala observadas subjaz uma “heterogeneidade ordenada” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968).

Da literatura pertinente pode-se extrair as seguintes informações, relevantes para esta investigação:

- 1) A variante \emptyset ocorre quando o *OI* de verbos bitransitivos representa pessoa e os complementos verbais têm traços opostos para animacidade, a coincidência desse traço nos dois complementos verbais favorece o uso da preposição; objetos com os traços [+ humano] e [+ animado] em posição final (V OD *OI*) tendem a ser introduzidos por preposição (NASCENTES, 1953; RAMOS, 1992; GOMES, 1996);
- 2) A adjacência de *OI* em relação ao V favorece a variante \emptyset , *OI* não-adjacente favorece a variante preposicionada; a variante \emptyset pode ocorrer, no entanto, em posição de não-

adjacência em relação ao V; a adjacência de OI em relação ao verbo pode ocorrer via deslocamento ou pela possibilidade de ocorrência de OD nulo no PB; a adjacência de OI [- animado] não é comum no PB; (SARAIVA, 1988; RAMOS, 1992; SCHER, 1996; GOMES, 1996, 2003a, 2003b);

3) A adjacência de OI em relação ao V indica um alto grau de afetamento do objeto pelo verbo e a proximidade semântico-conceptual entre esses elementos e, nesses casos, as formas preferidas são \emptyset e *para*. A primeira por representar a relação direta entre verbo e OI, a segunda por ser mais transparente semanticamente do que *a* para expressar o conteúdo dativo. A maior frequência de *para* em relação à forma \emptyset neste contexto, deve-se ao estigma social atribuído à segunda (SARAIVA, 1988; GOMES, 1996, 2003b);

4) A previsibilidade da relação estabelecida pela preposição dispensaria sua codificação lingüística, pois a significação seria preservada pela relação entre V e OI (SARAIVA, 1988);

5) O uso dos clíticos no PB relaciona-se com o uso da preposição *a*, logo o decréscimo no uso dos clíticos favorece o uso da preposição *para*. A ausência de estruturas com redobro clítico no PB embasa essa relação (RAMOS, 1992);

OI representado por uma oração, em estruturas do tipo V SN SO, favorece a ausência da preposição (RAMOS, 1992; GOMES, 1996);

6) OI com núcleo pronominal tende a manter a preposição (GOMES, 1996);

As formas *para* e \emptyset são inovadoras em contexto dativo, no PB, tendo mais aceitação e sendo mais usadas pelos falantes mais jovens (RAMOS, 1992; GOMES, 2003b);

7) A preposição *a* é marca de formalidade, porém a variante \emptyset é também usada por segmentos cultos da sociedade e nas modalidades escrita e falada mais formal (RAMOS, 1992; GOMES, 1996);

8) As construções V OD OI, com OI preposicionado, são mais frequentes, no PB, do que as construções V OI OD, com OI não preposicionado (SCHER, 1996; GOMES, 1996);

- 9) A ordem V OD OI é favorecida quando OI é maior do que OD em quantidade de sílabas (GOMES et ali. 2003);
- 10) Apenas verbos que admitem *a* como uma de suas possibilidades de regência admitem a variante Ø (SCHER, 1996; GOMES, 2003a);
- 11) O fenômeno constitui uma mudança em progresso no PB em direção ao uso categórico da forma *para*, a preposição *a* está se especializando em contextos mais abstratos, que não representam transferência material para um recipiente [+ humano] (GOMES, 2003b);
- 12) Verbos que podem ocorrer no discurso sem OI não admitem a forma Ø (SCHER, 1996; GOMES, 1996, 2003b);
- 13) A adjacência de OI em relação ao V deve-se à característica de tópico desse elemento (SCHER, 1996);
- 14) A ordem V OD OI, com OI preposicionado ou não, é favorecida quando o complemento dativo é maior do que OD, mais complexo e transmite informação nova (GOMES, 2003a);
- 15) O apagamento da preposição em contextos V OI OD deve-se a um fator morfofonológico (SCHER, 1996);
- 16) Verbos de significação plena que denotam transferência material favorecem a ordem canônica (GOMES et al., 2003);
- 17) O uso variável de preposição afeta não somente OI [+ humano] no papel de alvo ou beneficiário, mas também complementos locativos (GOMES, 2003a, 2003b);
- 18) OI de verbos leves também estão sujeitos à variação, apesar de nesses contextos *a* ser a preposição mais usada (GOMES, 2003a, 2003b);
- 19) A variante Ø, no PB, deve-se a um processo prévio de transmissão lingüística irregular resultante do contato entre o português e línguas africanas, durante a colonização brasileira (LUCCHESI, 2000, 2001; BAXTER; LUCCHESI, 1997; RESENDE, 2006);

20) A variação em questão já se configurava na fase arcaica do português e, sua configuração no PB, deve-se ao fenômeno secular da deriva natural (TEIXEIRA, 1944; GOMES, 2003a).

Como visto, fatores como a ordem dos complementos no SV, as características semânticas e morfológicas dos complementos e a característica semântica da relação entre V e seus complementos parecem ser fatores decisivos na variação entre o uso e a omissão da preposição.

Além disso, fatores extralingüísticos, como faixa etária, graus de formalidade contextual e escolaridade sugerem contextos específicos de uso de uma ou de outra forma em questão, bem como apontam uma possível mudança no PB.

3. O envelope da variação e a origem dos dados

Para a composição do *envelope da variação*, foram postuladas variáveis dependentes de caráter enéario (com mais de três variantes: *para~a~Ø~clíticos dativos*) e variáveis dependentes binárias (com duas variantes: *ausência x presença de preposição*), de acordo com os objetivos das etapas de análise quantitativa.

Tendo como base os resultados dos estudos sobre a variação na expressão do dativo, apresentados acima, foram postuladas variáveis independentes lingüísticas que poderiam explicar a ocorrência da variação, a saber: i) *adjacência de OI em relação ao V*; ii) *presença explícita ou não de OD no sintagma verbal*; iii) *característica semântica do OI*; iv) *característica morfológica do OI*; v) *característica morfológica do OD, quando presente no SV*; vi) *status informacional do OI*; vii) *status informacional do OD, quando presente*; viii) *coincidência fonética entre a vogal final do verbo e a preposição a*; ix) *relação semântica entre V e objetos e x) pessoa do discurso de OI*.

Além dessas variáveis independentes de caráter lingüístico, variáveis extralingüísticas foram postuladas para a percepção da dimensão social da variação. As variáveis extralingüísticas utilizadas foram: *sexo, faixa etária, informante* (para a

análise dos dados da comunidade dos Almeidas) e *comunidade de fala* (para a análise dos dados das quatro comunidades em conjunto).

O Quadro 1 abaixo apresenta o número de informantes da comunidade dos Almeidas e sua estratificação quanto às variáveis sociais *sexo*, *escolaridade* e *faixa etária*, de acordo com a situação de cada falante:

SEXO	Nº DE INF.	FAIXA ETÁRIA	Nº DE INF.	ESCOLARIDADE ^{3/}			
				Nº DE INF.	EF 1	EF2	EM
MULHERES	10	22 – 28 ANOS	3	2	-	1	-
		38 – 50 ANOS	3	2	1	-	-
		55 – 76 ANOS	4	1	-	-	3
HOMENS	10	22 – 28 ANOS	3	2	-	-	1
		38 – 50 ANOS	4	3	1	-	-
		55 – 76 ANOS	3	1	-	-	2
TOTAL	20	—	20	11	2	1	6

QUADRO 1 – Distribuição dos informantes da comunidade dos Almeidas por *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*.

O Quadro 2 abaixo apresenta a composição social da amostra das comunidades que serviram como complemento à pesquisa:

³ As abreviaturas tem os seguintes significados: EF1: primeira fase do Ensino Fundamental; EF2: segunda fase do Ensino Fundamental; EM: Ensino Médio; AN: analfabetos.

AMOSTRA	Nº DE INF.	MULHERES	HOMENS	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE
POMBAL	15	6	9	30-90	ANALFABETOS/ SEMI-ANALFABETOS
TRAÍRAS	3	1	2	57-74	ANALFABETOS/ SEMI-ANALFABETOS
ACABA VIDA/ FAZ TUDO	3	-	3	70-77	ANALFABETOS/ SEMI-ANALFABETOS
TOTAL	21	7	14	_____	_____

QUADRO 2 - Distribuição dos informantes das comunidades de Pombal, Traíras e Acaba Vida/Faz Tudo, por *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*.

Como o uso variável de preposições aqui abordado tem possíveis correlações com as origens do PB, uma análise diacrônica, de caráter qualitativo, será realizada com o objetivo principal de verificar se as variante *para* e \emptyset já existiam no sistema do português arcaico em contextos dativos. Essa investigação pode lançar alguma luz sobre as possíveis origens de fenômenos variáveis no português brasileiro. Como mencionado, de um lado encontra-se o argumento de uma origem relacionada com o contato com línguas africanas, do outro, postula-se a existência dessa forma no sistema português desde antes de seu contato massivo com línguas africanas no Brasil. Acredito que, longe de serem inequívocos, os dados diacrônicos sejam imprescindíveis para o esclarecimento da variação em questão no que se refere às características estruturais do PB sincrônico.

Os textos arcaicos utilizados neste trabalho foram os seguintes: i) **Século XIII**: *Foro Real de Afonso X* (FRAX), de finais do século XIII, editado pela equipe do Programa para a História da Língua Portuguesa – PROHPOR; ii) **Século XIV**: *Flos Sanctorum* (FLOS), provavelmente escrito antes de 1385, editado por Américo Vênancio Machado Filho, membro da equipe do Programa para a História da Língua Portuguesa – PROHPOR; iii) **Século XV**: *Chronica delRey D. Affonso Henriques por Duarte Galvão* (CRAH), escrito na segunda metade do referido século e editado pelo

projeto Corpus Histórico Tycho Brahe⁴; iv) **Século XVI**: *Carta de Pero Vaz de Caminha a El Rey D. Manoel* (CPVC), de 1500, editada por Jaime Cortesão.

A seleção dos textos foi aleatória, respeitando apenas o critério de terem sido produzidos em momento anterior ao contato massivo do português com línguas africanas.

A seção seguinte apresenta os principais resultados da análise variável sincrônica da fala das comunidades rurais observadas neste estudo.

4. A análise da variação

4.1. Análise quantitativa da amostra de fala da comunidade dos Almeidas

Visando à verificação da distribuição das formas de expressão do OI dativo de verbos bitransitivos na comunidade dos Almeidas, procedeu-se a uma análise inicial com uma variável dependente *eneária*, isto é, com quatro variantes. O objetivo foi observar a distribuição das formas *a~para~Ø~clíticos* na fala da comunidade dos Almeidas em função de variáveis sociais. Nesta primeira etapa, as variáveis independentes foram *sexo*, *faixa etária* e *informante*. A postulação da variável *informante* teve como objetivo observar de forma mais detalhada a distribuição das variantes no comportamento lingüístico de cada falante para que relações mais seguras quanto ao grau de escolarização pudessem ser elaboradas.

Foram analisadas nesta etapa 205 ocorrências de OI dativo em verbos bitransitivos, referentes à fala de 20 informantes da comunidade dos Almeidas. A baixa presença dessas construções na modalidade oral reflete a baixa frequência de verbos usados bitransitivamente em decorrência de fatores diversos, como a possibilidade de recuperação contextual do complemento indireto ou a preferência por construções transitivas diretas em contextos dialógicos, e parece seguir os mesmos padrões de

⁴ Disponível em <http://www.ime.usp.br/~tycho/cgi-bin/getversion.pl>, acesso em 25/10/2006.

complementação verbal do PB culto, como aponta o estudo de Dillinger et al. (2002, p. 294), no qual os resultados de frequência mostraram que as construções com dois complementos verbais se restringem a menos de 20% das 398 ocorrências de complementação verbal analisadas. A Tabela 1 abaixo apresenta a frequência de cada uma das formas variantes na comunidade dos Almeidas:

VARIANTES	Nº DE OCORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA EM (%)
PARA	151	74%
A	2	1%
Ø	15	7%
CLÍTICO	37	18%
TOTAL	205	100%

TABELA 1 – Distribuição percentual das variantes *para-a-Ø-clítico* na comunidade de fala dos Almeidas

As frequências apresentadas na Tabela 1 indicam, de forma geral, que a gramática da comunidade de fala dos Almeidas não prescinde da codificação do dativo, seja por um elemento preposicional (75% das ocorrências), seja pela presença de um pronome clítico (18% das ocorrências). A ausência de qualquer marca formal de dativo corresponde a apenas 7% das ocorrências. A distribuição percentual das variantes indica que a preposição *para* é a preferida para introduzir OI dativo de verbos bitransitivos na comunidade de fala dos Almeidas (74%). A segunda forma mais usada para a codificação do conteúdo dativo nesse contexto é os pronomes clíticos (18%) de primeira e segunda pessoas do singular (*me/te*), sempre em posição proclítica.

A preposição *a* é a menos usada nesta comunidade. Essa preposição ocorre em apenas duas construções, o que significa um percentual de 1%. As duas únicas ocorrências da preposição *a* na amostra de fala dos Almeidas são apresentadas abaixo:

- (1) ... não a/aí se o caboco tivé devoção *a Nossa Senhora da Aparecida* é/ tem de/ faiz o pedido... [MAB55M]⁵
- (2) ... aqui eu vô falá era um... um apuro que é pidino *a Deus* pa mode chuvê... [JLS61M]

Destaca-se que, nas construções (57-58) acima, o OI tem como traço semântico o que pode ser chamado de *divinizado* e o contexto em que ocorre é mais abstrato, pois o OI não representa um receptor [+ humano] e a relação estabelecida entre o verbo e seus complementos não denota uma transferência material, o que seria o caso prototípico de construções dativas. O uso da preposição *a*, nesses contextos, assemelha-se ao de construções cristalizadas na língua, como as exemplificadas abaixo:

- (3) ... É, choveu graças *a Deus*, antonte... [JLS61M]
- (4) ... ela é viva ainda, graças *a ela* que nós tem... essa igreja sabe?... [MCP45F]

É importante notar, ainda, que as duas ocorrências da preposição *a* foram produzidas por falantes mais velhos da comunidade, como se pode ver nos símbolos que seguem os exemplos acima.

A omissão da preposição ocorre em apenas 7% dos casos e restringe-se ao OI dativo dos verbos *pedir*, *ensinar*, *perguntar* e *dar*. Algumas das ocorrências com omissão de preposição em contexto dativo são apresentadas abaixo:

- (5) ... É:... aí eza pidia Ø ele pa dexá eu í: com eza no pagode... aí eu ía mai' ele de/ ele dexava e (falava) assim “ó... ela pode í: c'ocêis, mas dançá não”... [RAB76F]
- (6) ... “eu vô ensiná Ø ocê os remédio, cê mêmo faiz... [JPB50M]
- (7) ... É, pergunta Ø ele alguma coisa... [LAR41M]

⁵ Os símbolos usados para identificar os falantes correspondem, respectivamente, às três iniciais do nome, à idade e ao sexo.

(8) ... “não, tem que dá Ø ele um: uma trem assim pa laxante”... [MLA39F]

Em função da variável extralingüística *sexo*, os dados de fala da comunidade dos Almeidas demonstraram total equilíbrio. Homens e mulheres seguem o mesmo padrão de uso, os valores tanto para homens quanto para mulheres são muito próximos, bem como a frequência de cada uma das variantes. Tanto homens quanto mulheres utilizam mais a variante *para* (73% para homens e 74% para mulheres), seguida do uso de clíticos (19% e 17%, respectivamente), da forma sem preposição (6% e 9%) e da preposição *a* (2% para homens e 0% para mulheres). A ausência da preposição é levemente favorecida na fala das mulheres (3% a mais do que na fala masculina), que, por sua vez, não apresentou nenhuma ocorrência da variante *a*.

A variável *para* é a mais usada em todas as três faixas etárias, apresentando o percentual de 74% para os falantes mais velhos, um leve decréscimo em relação à faixa etária intermediária (68%) e um aumento na faixa etária mais jovem (82%). O uso de clíticos dativos tem percentual mais alto na faixa dos 38-50 anos, e menor nas demais faixas etárias. A preposição *a*, em apenas duas ocorrências, é usada por falantes da faixa etária entre 55 e 76 anos, não ocorrendo nas outras faixas etárias. A omissão da preposição ocorre nas três faixas, apesar de um baixo percentual em relação ao total de uso das variantes pode-se perceber que essa variante ocorre mais entre os mais velhos (10%) e decresce paralelamente aos níveis etários, com um percentual de 8% na faixa intermediária e de 2% entre os mais jovens, de 21 a 28 anos.

Esses números podem ter implicações relevantes se interpretados numa perspectiva de *tempo aparente*. As tendências observadas indicam que a gramática da comunidade dos Almeidas caminha em direção à manutenção do nexos preposicional, sendo *para* a forma preferida. A maior frequência geral dessa preposição na comunidade, e também em relação aos falantes mais jovens, indica que há uma mudança em progresso e que ela está direcionada para o uso categórico da preposição *para*. Corroborar essa hipótese a queda no uso das outras três formas variantes. A preposição *a* é usada apenas por falantes mais velhos, não ocorrendo na fala das faixas intermediária e jovem. As duas únicas ocorrências dessa preposição na amostra dos Almeidas indicam uma construção cristalizada na língua, como mencionado

anteriormente. É também na faixa etária mais velha que pode ser observado o maior índice de omissão da preposição, que decresce paralelamente com a idade dos informantes.

Ao que parece, esses resultados para a variável *faixa etária* podem estar diretamente relacionados com o grau de escolarização dos falantes. A maior frequência de omissão da preposição em contexto dativo ocorre, como visto, na fala de informantes mais velhos. A distribuição das frequências em função da variável *informante* mostrou que na faixa etária entre 55 e 76 anos estão os falantes com o menor grau de escolarização e que o maior número de omissões de preposição está presente na fala desses indivíduos, em sua maioria analfabetos ou com no máximo três anos de escolarização. Das 15 ocorrências nulas de preposição, 12 apresentam-se na fala de pessoas com menos de três anos de escolarização e apenas 3 na fala de informantes que cursaram até a quarta série do Ensino Fundamental.

A preposição *para* está presente de maneira predominante na fala de todos os informantes, independentemente do grau de escolarização. Os três falantes com maior nível de escolaridade (5ª e 7ª séries do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio) apresentam uso predominante dessa preposição, de 27 ocorrências analisadas, 19 apresentam a preposição *para* em 8 está presente um clítico dativo. Nenhum desses informantes com maior grau de escolarização fez uso da preposição *a* ou da variante Ø.

A pequena quantidade de dados analisados torna arriscado qualquer tipo de generalização quanto à influência de fatores externos na variação em questão. No entanto, pode-se postular que a omissão da preposição ocorre preferencialmente na fala de indivíduos mais velhos com baixo nível de escolaridade, isto é, de informantes analfabetos ou que frequentaram a escola até no máximo a terceira série do Ensino Fundamental.

Uma segunda etapa da análise quantitativa teve uma variável binária como dependente: *ausência* e *presença* de preposição introduzindo OI dativo de verbos bitransitivos. Nesta etapa, os resultados quantitativos, em frequência percentual, indicaram que no geral, a comunidade dos Almeidas tem a preposição como a codificadora por excelência das relações dativas: 91% das ocorrências apresentam a preposição introduzindo OI e em apenas 9%, este conectivo não ocorre.

A adjacência em relação ao V é o contexto preferencial de ocorrência geral do OI. Das 168 ocorrências de OI dativo analisadas, 116 delas apresentam-se adjacentes ao verbo. É este também o contexto sintático que favorece a omissão da preposição: todas as 15 ocorrências de OI dativo sem a preposição ocorrem quando este elemento está adjacente à direita do verbo. Por outro lado, em todas as 52 ocorrências de OI dativo não-adjacente ao verbo há uma preposição introduzindo esse complemento. Esses resultados corroboram os de Gomes (1996, 2003a, 2003b), Saraiva (1988) e Scher (1996), que verificaram ser a adjacência o contexto preferencial, porém não exclusivo, da omissão de preposições introdutoras de OI dativo de verbos bitransitivos em algumas variedades do PB.

Na comunidade de fala dos Almeidas, a estrutura preferencial de sintagmas verbais (SV) bitransitivos é constituída pelo verbo, por objeto direto e objeto indireto. Do total de 168 ocorrências, 100 delas apresentam OD expresso e apenas em 68 o OD é nulo. Ao contrário do esperado, são as construções que apresentam OD expresso que favorecem a variante \emptyset : 10 ocorrências do total de 15. Neste contexto, a adjacência de OI em relação ao verbo é propiciada pelo deslocamento do OD para o final do SV.

Nas 100 ocorrências em que está expresso, pode-se constatar a preferência por OD de núcleo lexical (56 em 100 ocorrências) e por OD oracional (41 em 100). Objetos diretos com núcleo pronominal apresentaram baixíssima frequência (3 ocorrências). A variante \emptyset ocorre apenas em construções verbais com OD de núcleo lexical (8 das 56 ocorrências) e com OD expresso por uma oração (2 em 56 ocorrências).

Um padrão pode ser observado em relação às construções com OD oracional: das 41 construções com esse tipo de complemento, a maior parte ocorre como complemento do verbo *falar* e, na comunidade de fala dos Almeidas, este verbo impede a omissão da preposição. Nenhuma ocorrência da variante \emptyset ocorre com esse verbo, como exemplificado abaixo:

(9) ... aí eu *falo pr'os meus minino*: “oh, ocêis hoje tá é na glória, puquê quanto eu criei ocêis... é: foi naquele trabai tremendo. Cumo di/ pa criá ocêis, agora hoje não, hoje em dia cêis tá na boa aí, na glória”... [JLS61M]

(10) ... aonde tem esse murão que eu tô *falano pr'ocêis...* [MAB55M]

Assim, a variante \emptyset é favorecida em contextos em que o OD está explícito, depois de OI e tem núcleo lexical (8 de 15 ocorrências), como nas seguintes ocorrências:

(11) ... aí, pidi \emptyset caboco o pôso lá... [MAB55M]

(12) ... é, pergunta \emptyset ele alguma coisa... [LAR41M]

(13) ... eu vô ensiná \emptyset ocê os remédio cê mêmo faiz... [JPB50M]

Quanto à composição morfológica do OI, observa-se que este pode apresentar núcleo pronominal (109 de 168 ocorrências) ou lexical (59 de 168 ocorrências), podendo a variante \emptyset ocorrer nos dois contextos. Nenhum deles, no entanto, parece influenciar a ocorrência das variantes.

Os OI dativos na comunidade dos Almeidas têm como traços semânticos principais [+ animado] e [+ humano]. Estas características semânticas são as prototípicas para complementos dativos e representam de forma mais transparente o receptor da ação expressa pelo verbo. Na amostra de fala da comunidade dos Almeidas, os OI com esses traços correspondem à maioria absoluta das ocorrências (152 em 168 ocorrências). É este também o traço semântico que mais propicia a ocorrência da variante \emptyset : dos 15 casos de \emptyset , 12 ocorrem quando o objeto indireto representa um receptor [+ animado] e [+ humano]. Objetos indiretos com traços [- animado], [- humano] e [divinizado] restringem a ocorrência de \emptyset . Juntos, os complementos com esses traços ocorrem em 16 casos apenas e propiciam a ocorrência da variante \emptyset em apenas 3 deles, em casos com características específicas. As sentenças abaixo exemplificam essas ocorrências:

(14) ... fazê um postim, pidí \emptyset *prefeitura* apoio... [JPB50M] [- animado, - humano]

(15) ... cozinhava feijão até pa dá \emptyset *os porco*... [MLA39F] [+ animado, - humano]

(16) ... ma'eu pidí Ø *o divino pai eterno* que é pra ele pô esse prego hoje... [MAR66F]
[divinizado]

Os casos de omissão da preposição em (14) e (15) podem ser explicados pelo fato de que os OI dessas sentenças, através de processos metafóricos e metonímicos, são interpretados pela comunidade como [+ animados e + humanos], traços que favorecem a variante Ø, além de a configuração sintática de adjacência em relação ao verbo propiciar um ambiente lingüístico favorável a Ø, o que também explicaria a ausência da preposição em (16).

Em relação ao *status* informacional dos objetos, os resultados quantitativos mostram que a variante Ø pode ocorrer com OI e OD com informação dada ou nova, muito embora OD com informação nova, no final de sentença, favoreça essa variante (8 em 77 casos).

Scher (1996) aponta como uma das causas da omissão da preposição em contextos bitransitivos dativos no PB a coincidência fonética entre a vogal final do verbo e a preposição *a*, tomada como a verdadeira introdutora de OI dativo. De acordo com a autora, a coincidência fonética entre esses elementos propiciaria o fenômeno da crase, ocasionando a omissão da preposição. Para a amostra de fala da comunidade dos Almeidas, esse fator demonstrou-se atuante, porém não decisivo, na variação no uso de preposições. Das 15 ocorrências de Ø, 10 estão em contexto de coincidência fonética, como nos exemplos abaixo:

(17)... é, pergunta Ø ele alguma coisa... [LAR41M]

... é, perguntA (A) ele alguma coisa...

(18)... e pidia Ø ele pôso, né?... [ZAB27F]

... e pidiA (A) ele poso, né?...

No entanto, como aponta Gomes (2003b), em alguns contextos em que ocorre a omissão de preposição não há a coincidência fonética destacada acima, como nas seguintes ocorrências da fala dos Almeidas:

(19) ... dí [dei] Ø ele o sabão de bola... [MLA39F]

(20) ... aí, pidi Ø o caboco o poso lá... [MAB55M]

Segundo Gomes (2003b, p. 86), a reestruturação silábica provocada pela coincidência fonética entre a vogal final do verbo e a preposição seria uma consequência da supressão da preposição e não sua causa.

Os tipos de relação semântica entre verbo e objetos que mais propiciam a ocorrência de construções dativas designam atos comunicativos (*pedir*, *perguntar*) e transferência material de algo para algum receptor (*dar*). E são esses também os contextos mais prototípicos de construções dativas. É também em construções desse tipo que mais ocorre a omissão da preposição. Casos em que a relação entre o verbo e seus complementos representa uma transferência não-material (*ensinar*) são menos freqüentes, e apresentam pouco uso da variante Ø.

4.2. Análise quantitativa das amostras de fala das comunidades dos Almeidas, de Pombal, Traíras e Acaba Vida/Faz Tudo

Visando a analisar a ocorrência da variação no uso de preposições introdutoras de OI dativos de verbos bitransitivos em outras comunidades rurais goianas, procedeu-se a uma análise quantitativa das amostras de fala das comunidades rurais de Pombal, Traíras e Acaba Vida/Faz Tudo. O objetivo central desta expansão da amostra é observar se os mesmos fatores lingüísticos atuam da mesma forma tanto na comunidade de fala dos Almeidas, quanto nas outras comunidades. Esse procedimento, além de aumentar o número de ocorrências sob análise, fornece maior confiabilidade para as possíveis generalizações sobre as variedades lingüísticas rurais goianas.

Numa primeira etapa, da mesma forma como procedeu-se com a amostra de fala dos Almeidas, foi postulada uma variável dependente eneária para que também fosse observada a distribuição das variantes *para-a-Ø-clíticos* nas comunidades de Pombal, Traíras e Acaba Vida/Faz Tudo. Nesta etapa, foram analisadas 115 ocorrências relativas às três comunidades, além das 205 ocorrências da comunidade dos Almeidas.

A Tabela 3 abaixo apresenta a distribuição percentual das variantes em função das comunidades de fala:

Comunidades	Para	A	Ø	Clíticos	Total
Almeidas	151/74%	2/1%	15/7%	37/18%	205/100%
Pombal	46/75%	1/2%	5/8%	9/15%	61/100%
Traíras	34/79%	0/0%	5/11%	4/10%	43/100%
Acaba Vida/ Faz Tudo	6/50%	3/25%	3/25%	0/0%	12/100%
TOTAL GERAL	237/74%	6/2%	28/9%	50/15%	321/100%

TABELA 3 – Distribuição percentual das variantes *para-a-Ø-clítico* em função da comunidade de fala.

Como pode ser observado na tabela acima, as quatro comunidades apresentam o mesmo padrão de uso das variantes. A preposição *para* é a mais usada na expressão do conteúdo dativo (74% do total geral), seguida pelo uso de clíticos dativos de primeira e segunda pessoas (15% do total), pela variante \emptyset (9% do total) e pela preposição *a* (2% do total).

Da mesma forma que ocorre na comunidade dos Almeidas, a preposição *a* se restringe a apenas contextos mais abstratos nos quais o OI representa um receptor com o traço semântico [divinizado], e não um receptor [+ animado, + humano], casos prototípicos de construções dativas. As sentenças abaixo exemplificam as únicas ocorrências da preposição *a* em todas as amostras:

(21) ... pede *a* Deus que é... [Amostra Pombal]

(22) ... a gente pede muito *a* Deus... Nossa mãe do céu que... a gente dê uma boa direção, né?... [Amostra Acaba Vida/ Faz Tudo]

(23) ... peço *a* Deus todo dia... fô da vontade de Deus... a vez um dia eu caso...
[Amostra Acaba Vida/Faz Tudo]

(24) ... peço perdon *a* Deus por essa palavra... [Amostra Acaba Vida/Faz Tudo]

Como já ressaltado, acredita-se que o uso da preposição *a* esteja restrito a construções cristalizadas na língua.

Na etapa seguinte de análise dos dados das quatro comunidades rurais, foi postulada uma variável dependente binária: *presença x ausência* de preposição introduzindo OI dativo em contexto bitransitivo. Também nesse caso, foram retiradas as ocorrências de dativo expresso por pronomes clíticos. As mesmas variáveis independentes lingüísticas utilizadas na análise dos dados da comunidade dos Almeidas foram utilizadas para a observação da variação nas quatro comunidades como um todo. Uma variável de caráter extralingüístico foi acrescentada, para verificar se uma ou outra comunidade favoreceria a variante \emptyset . Para essa etapa, foram enviadas 271 ocorrências para análise estatística. Desse total, 243 (90%) apresentam a preposição *e*, em 28 delas (10%), esse conectivo é omitido.

Como para a comunidade dos Almeidas, a adjacência de OI em relação ao verbo mostrou-se bastante influente. A Tabela 4 abaixo apresenta as freqüências de uso das variantes em função da adjacência de OI em relação ao verbo:

Adjacência de OI em relação ao verbo	Presença de preposição	Ausência de preposição	Total
OI adjacente à direita do verbo	161/87%	25/13%	186
OI não-adjacente ao verbo	82/96%	3/4%	85
TOTAL	243/90%	28/10%	271/100%

TABELA 4 – Distribuição das variantes em função da adjacência de OI em relação ao verbo.

A adjacência de OI em relação ao verbo é o contexto sintático em que mais ocorrem OI dativos (186 de 271 casos) e também o que mais favorece a variante \emptyset . Dos 28 casos de \emptyset , 25 ocorrem quando o OI está adjacente à direita do verbo e em apenas 3

casos o OI está em posição não-adjacente ao verbo. As 3 únicas ocorrências da variante Ø em contexto de OI não-adjacente ao verbo são apresentadas abaixo:

(25) ...a gente pede muito a Deus... Ø *Nossa Mãe do céu* que... a gente dê uma boa direção, né?... [Amostra Acaba Vida/Faz Tudo]

(26) ...aí ele contô a história cumé que é pra ma/ meu pai... Ø *minha mãe*... [Amostra Traíras]

(27) ... ele chegô... isso eu lembro, minha mãe pa tirá a mão dele assim da rédea assim do/do cavalo, teve que dá água Ø *ele* primêro... [Amostra Traíras]

Nas ocorrências (25) e (26) acima, pode-se observar que fatores de ordem discursiva influenciam a omissão da preposição. Nos dois casos, os OI dos quais a preposição é omitida são elementos coordenados a um primeiro OI e entre eles há uma pausa (marcada pelas reticências). Acredita-se que, nesses casos, o nexos preposicional do segundo OI seja recuperado pela presença da preposição introduzindo o OI anterior.

Na sentença em (27) a omissão da preposição *a* pode ser explicada se considerado o fator fonético mencionado na seção anterior. Nesse caso, a vogal final do OD e a preposição podem ter sido fundidas num único som, provocando o apagamento da preposição:

(28) ...teve que dá água (A) ele primêro...

Em relação aos demais fatores observados, constatou-se que os mesmos fatores que atuam no favorecimento da variante Ø na comunidade dos Almeidas atuam nas quatro comunidades rurais como um todo. Assim, contextos em que o OD está explícito no sintagma verbal favorecem a variante Ø (19 dos 28 casos de Ø); OI com traços semânticos [+ animado] e [+ humano] são os que mais propiciam a omissão da preposição (24 dos 28 casos de Ø); da mesma forma que na comunidade dos Almeidas,

sentenças com OD explícito de núcleo lexical favorecem a variante Ø (12 de 19 ocorrências).

No tocante à morfologia do OI, a análise dos dados das quatro comunidades de forma conjunta mostrou que sentenças com complementos indiretos pronominais favorecem a ausência da preposição (18 das 28 ocorrências).

Apesar de a variante Ø ocorrer tanto com OI e OD que transmitem informação nova ou dada, pode ser observado que OD com informação nova favorece ligeiramente a ausência da preposição (14 de 19 casos).

Em relação ao tipo de relação semântica entre verbos e complementos, observa-se que são os verbos que denotam algum tipo de comunicação que são os mais recorrentes no geral das amostras e também os que mais propiciam a ocorrência da variante Ø (15 de 28 casos).

Objetos indiretos de 3ª pessoa do singular são os que mais favorecem Ø (20 em 28 casos de Ø), ao passo que com as 1ª pessoa do singular e 2ª do plural há uso categórico de preposição.

A distribuição da variante Ø em função da variável *comunidade de fala* demonstrou equilíbrio para as comunidades dos Almeidas, de Pombal e Traíras, com uma média percentual de 10%. A comunidade de Acaba Vida/Faz Tudo apresentou um índice da variante Ø de 23% o que, ao que tudo indica, deve-se à pouca ocorrência de construções dativas na amostra desta comunidade, não podendo, por esse motivo, ser uma evidência inequívoca de que a variante Ø é mais recorrente nessa comunidade do que nas outras. A Tabela 5 abaixo apresenta as frequências das variantes em função da variável *comunidade de fala*:

Comunidade de Fala	Presença de preposição	Ausência de preposição	Total
Almeidas	153/91%	15/9%	168/100%
Pombal	46/90%	5/10%	51/100%
Traíras	34/87%	5/13%	39/100%
Acaba Vida/Faz Tudo	10/77%	3/23%	13/100%
TOTAL GERAL	243/90%	28/10%	271/100%

TABELA 5 – Distribuição das variantes em função das comunidades de fala.

A análise multidimensional, a que fornece pesos relativos para a atuação de cada fator dos grupos de fatores postulados como variáveis independentes e também verifica a influência da interação entre os diversos grupos de fatores na configuração da variação, selecionou como variáveis estatisticamente relevantes a *adjacência de OI em relação ao verbo* e a *constituição morfológica de OD*. Na Tabela 6 são apresentados os resultados estatísticos para os grupos de fatores selecionados como relevantes na aplicação da regra de omissão da preposição, com *input* de 0.13:

VARIÁVEIS	Fatores	Ausência de preposição		
		Nº de ocorrências	%	Peso relativo
Adjacência de OI em relação ao V	OI adjacente	25/159	15%	0.73
	OI não-adjacente	3/75	4%	0.10
Morfologia do OD	OD oracional	6/64	9%	0.21
	OD lexical	12/83	14%	0.73

TABELA 6 – Valores de frequência e de aplicação da variante \emptyset em função das variáveis *Adjacência de OI* e *Morfologia de OD*.

Como antecipado pelos valores percentuais, a adjacência de OI em relação ao verbo é o contexto sintático que mais favorece a ocorrência de \emptyset . Nesse contexto, o valor do peso relativo é de .73, o que indica o favorecimento da omissão da preposição. A atuação desse fator é realçado pelo peso relativo referente ao contexto de não-adjacência, com valor relativo de .10, medida essa bastante inferior.

Da mesma forma, construções com OD de núcleo lexical favorecem a ocorrência de \emptyset . O valor do peso relativo para esse contexto é de .73, medida que indica forte favorecimento desse fator na omissão da preposição em contextos dativos.

O fato de construções com OD de núcleo lexical favorecerem a variante \emptyset parece se relacionar com a característica morfológica do OI, apesar de este fator não ter sido selecionado como estatisticamente relevante. Nas amostras de fala analisadas, a maior ocorrência de \emptyset é com OI que tem um pronome como núcleo. Nesses casos, os pronomes têm função anafórica, ou seja, retomam formalmente o receptor da ação verbal, já apresentado anteriormente no discurso, como no exemplo abaixo:

(29) ...não, tem que dá Ø *ele* [ao filho] um: trem assim *pa/laxante*... [MLA39F]

Pelo fato de um pronome ser menos claro do que um nome para desempenhar a função semântica de receptor da ação verbal, nas ocorrências da variante Ø, em que não há uma preposição indicadora do OI dativo, um OD com núcleo lexical evita uma possível ambigüidade que poderia ser gerada caso esse elemento também fosse pronominal, como exemplificado abaixo:

(30) ... dei Ø *ele* um sabão de bola...

* dei Ø *ele* ele... (isso, aquilo, etc.)

O OD de núcleo lexical transmite de forma mais clara a noção de algo transferido, ou comunicado, e, por isso, ocorre sempre que um OI pronominal é usado em casos da variante Ø. Das 18 ocorrências da variante Ø com OI pronominal, 9 apresentam OD lexical, 3 OD oracional e 6 não apresentam OD foneticamente realizado. Nenhuma ocorrência da variante Ø em toda a amostra apresenta OD com núcleos pronominais.

Confirma essa hipótese o fato de que em todas as 5 ocorrências de OD pronominal da amostra a variante utilizada é a preposicionada. Nesses casos, apresentados em (31) a (35) abaixo, em que o OD tem conteúdo menos transparente, há uma preposição para indicar de forma clara o complemento dativo da sentença.

(31) ...e meu pai conta isso de vez em quando *pa nós* aí... [Amostra Almeidas]

(32) ...contano isso *p'os ôto*... [Amostra Almeidas]

(33) ...ah, isso/isso aí é mêi difícil de explicá *pra senhora*... [Amostra Pombal]

(34) ...isso aí... num sei contá *pa senhora* não... num sei... [Amostra Pombal]

(35) ...aí depois pegô vendeu ele *pra mim*... [Amostra Traíras]

Os resultados quantitativos apresentados nesta seção, apesar de fornecerem evidências precisas dos contextos que favorecem a ocorrência da omissão da preposição introdutora de complementos dativos de verbos bitransitivos, não respondem a uma questão fundamental, o porquê de este fenômeno ocorrer na fala das comunidades observadas, ou seja, há uma explicação lingüística geral para o não uso de um elemento lingüístico em um contexto em que ele seria esperado?

Na seção seguinte, retomam-se os principais resultados quantitativos ora apresentados e busca-se interpretá-los a partir de princípios mais gerais que acredita-se estar atuando na configuração do fenômeno variável.

4.3. Uma explicação funcional para a variação

Os resultados quantitativos referentes à variação no uso de preposições introdutoras de complementos dativos de verbos bitransitivos apresentados na seção anterior podem, ao meu ver, ser explicados a partir da ação conjunta de três princípios funcionais: a *prototipia*, a *motivação icônica* e a *motivação econômica*.

Como visto, na maioria dos casos em que há um complemento dativo na fala das comunidades observadas, as construções podem ser classificadas como prototípicas da relação dativa, ou seja, a maior parte das construções estabelece uma relação de transferência material ou um ato comunicativo, em que algo, ou uma mensagem, é transferido para um receptor [+ animado] e [+ humano]. Na sintaxe dessas construções, a prototipicidade é confirmada com o maior número de SV composto por V OD e OI. O número de construções com OD nulo é bem menor do que o número de construções com OD realizado foneticamente. Relações de transferência não-material, menos prototípicas, ocorrem, também, com menor frequência.

A variante não-preposicionada ocorre com maior frequência exatamente em contextos que podem ser classificados como mais prototípicos, isto é, em construções que expressam um ato comunicativo ou uma transferência material e que têm um receptor com os traços semânticos [+ animado] e [+ humano]. Essa variante é

favorecida ainda, em construções que apresentam OD realizado foneticamente e com núcleo lexical.

Acionando os princípios da *prototipia* e da *motivação econômica*, interpreta-se essa configuração lingüística como uma maneira de os falantes codificarem com menos forma conteúdos previsíveis, ou seja, o fato de a variante não-preposicionada ocorrer com maior frequência em contextos mais prototípicos possibilita a manutenção da relação dativa entre o verbo e seu OI, mesmo sem a presença de uma preposição atribuidora de caso e sem a perda de conteúdo referencial, condição que sustenta a noção de variação lingüística laboviana.

A preferência pela posição de adjacência dos complementos dativos em relação ao verbo pode ser compreendida se interpretada a partir da atuação do princípio da *motivação icônica*. A proximidade formal do OI em relação ao verbo diminui a distância conceptual entre esses elementos e sinaliza maior afetamento do complemento dativo pelo verbo. Se observadas apenas as construções em que a preposição é omitida, torna-se mais nítida a atuação desse princípio.

Conforme exposto, complementos dativos são afetados indiretamente pela ação expressa pelo verbo, logo a existência de uma partícula atribuidora desse caso, no caso do português, uma preposição. A posição de adjacência aliada à omissão da preposição faz com que OI dativos sejam interpretados como complementos acusativos, isto é, diretamente afetados pela ação verbal, configuração essa que aumenta o grau de transitividade do verbo, bem como a integração entre V e OI.

A maior ocorrência de \emptyset com OI pronominais de terceira pessoa pode, ainda corroborar essa interpretação. Os pronomes em função de OI retomam um referente lexicalmente expresso no discurso, são, por isso, menos transparentes do que um item léxico que remete diretamente ao receptor da ação verbal. A adjacência em relação ao V pode, por esse motivo, atuar na interpretação dativa desses elementos pronominais mesmo que seu referente não possa ser recuperado contextualmente, isto é, mesmo que o conteúdo referencial do pronome não possa ser recuperado no contexto, sua proximidade formal com o verbo dativo faz com que ele seja interpretado como o receptor da ação. O fato de OD lexicais serem mais frequentes com OI adjacentes não-preposicionados evita qualquer possibilidade de ambigüidade semântica entre os

complementos, uma vez que a interpretação desses elementos como marcados com caso acusativo é mais nítida.

A terceira pessoa do discurso representa um participante fora do momento de interação verbal, na qual atuam com maior força a primeira e a segunda pessoas. Os resultados quantitativos apontaram para um favorecimento da variante \emptyset quando o OI é de terceira pessoa e a presença categórica de preposição quando o OI é de primeira pessoa. Estando fora da situação discursiva, a adjacência de OI sem preposição pode ser interpretada como uma forma de trazer uma pessoa de fora do discurso para o contexto de interação, de maneira mais clara, formalmente explícita e iconicamente motivada, como nos seguintes exemplos:

(36) ... pidia \emptyset ele pôso, né?... [ZAB27F]

(37) ... pergunta \emptyset ele alguma coisa... [LAR41M]

(38) ...di \emptyset ele o sabão de bola... [MLA39F]

Uma contraprova a esta interpretação, no entanto, pode ser levantada: os 90% de uso da variante preposicionada no total geral de ocorrências de complementos dativos na fala das comunidades analisadas. Mesmo em contextos mais prototípicos e de adjacência de OI em relação ao V, os falantes privilegiam o uso da preposição como codificadora do dativo, especialmente o uso da preposição *para*. A pergunta que se coloca é: por que a variante \emptyset ocorre num percentual tão baixo, mesmo com ampla possibilidade de maior uso?

Ao que tudo indica, duas razões interdependentes explicam esse estado de coisas. Uma explicação é de caráter extralingüístico, ou social, outra de caráter lingüístico, mas relacionada intrinsecamente com a primeira.

A análise quantitativa da variação na comunidade de fala dos Almeidas mostrou que a ocorrência da variante \emptyset é mais freqüente na fala de idosos e, conseqüentemente, devido à constituição da amostra, na fala de indivíduos menos escolarizados. Como apontado por Gomes (1996 e 2003b), a omissão da preposição, por estar relacionada

com a fala de indivíduos não-escolarizados, ou com baixo nível de escolarização, pode ser avaliada negativamente pela comunidade de fala, o que explica a ocorrência maior da variante preposicionada. Para a comunidade dos Almeidas, confirmam essa interpretação o fato de os falantes mais escolarizados utilizarem para a expressão do dativo apenas a preposição *para* e clíticos dativos, no caso de primeira e segunda pessoas do singular, e a preferência dos mais jovens, e mais escolarizados, pelo uso de preposição *para*. Evitando o uso de uma variante estigmatizada, os falantes buscam uma preposição que tenha um significado mais claro, ou transparente, para a expressão do dativo, ou seja, a preposição *para* em detrimento da preposição *a* e de clíticos, também com baixo percentual de ocorrência em relação à preposição *para*.

Gomes (2003b) ressalta que a preposição *a* tem se restringido a contextos mais abstratos e mais formais de uso. Em nenhuma das comunidades rurais aqui analisadas pode ser feita uma avaliação do uso das variantes em função do grau de formalidade da situação de produção lingüística, no entanto, o uso exclusivo de *a* em contextos nos quais o OI é uma entidade com o traço [divinizado], i.e., [- animado] e [- humano] serve como argumento para afirmação de que essa preposição, na fala rural, é usada em contextos menos concretos do que aqueles tidos como prototípicos. Como mencionado anteriormente, o uso da preposição *a*, além de bastante restrito a contextos mais abstratos, parece ainda se relacionar com construções cristalizadas na língua e que mantêm forte relação com o discurso religioso que faz parte, de maneira relativamente forte, dos domínios sociais dos moradores das comunidades rurais observadas:

(39) ... aqui eu vô falá era um... um apuro que é pidino *a Deus* pa mode chuvê...

[Amostra Almeidas]

(40) ... pede *a Deus* que é... [Amostra Pombal]

(41) ... a gente pede muito *a Deus*... Nossa mãe do céu que... a gente dê uma boa direção, né?... [Amostra Acaba Vida/Faz Tudo]

5. A variação no uso de preposições e as origens do português popular brasileiro

Como antecipado no início deste trabalho, a variação no uso de preposições introdutoras de OI dativo de verbos bitransitivos identificada na fala das comunidades rurais goianas remete a um amplo debate sobre a ORIGEM estrutural do PB, principalmente de determinados fenômenos lingüísticos variáveis que caracterizam, em maior ou menor grau, suas variedades populares. No centro deste debate, que se remete ao século XIX, está o papel desempenhado por línguas africanas em contato com o português em terras brasileiras devido ao longo processo de escravização de negros africanos. A admissão ou não da influência de línguas africanas na origem de determinados fatos lingüísticos no PB tem dividido pesquisadores brasileiros e estrangeiros em duas vias interpretativas antagônicas principais: de um lado encontram-se aqueles que advogam a influência das línguas africanas na configuração estrutural do PB e, de outro lado, aqueles que negam o contato com línguas africanas como o causador inequívoco de transformações lingüísticas no português trazido de além mar, buscando na deriva histórica natural da língua a origem de determinadas mudanças e diferenças entre a variedade brasileira e européia do português.

Atualmente no Brasil, um dos principais defensores da hipótese segundo a qual o contato com línguas africanas teria sido decisivo na formação do português brasileiro, especialmente na formação de suas variedades populares, é o pesquisador Dante Lucchesi, juntamente com seus colaboradores (BAXTER; LUCCHESI, 1997; LUCCHESI, 2000, 2001 e 2003 especialmente). Conforme Lucchesi (2003, p. 272),

na colonização do Novo Mundo, línguas como o espanhol, o inglês e o português passaram por um contato profundo com milhões de falantes de línguas ameríndias e africanas, durante vários séculos; tal processo histórico deu origem a variedades populares do inglês, espanhol e português que exibem muitas características estruturais que resultam de processos de mudança induzidos pelo contato entre línguas. Tais características aproximam essas variedades lingüísticas das línguas pidgins e crioulas, sem, contudo, fazer delas pidgins e crioulos típicos.

Por pidgins e crioulos típicos compreendem-se, tradicionalmente e de maneira muitíssimo geral, línguas ou variedades lingüísticas surgidas a partir do contato entre grupos lingüísticos diferentes.

Lucchesi interpreta a variação no uso de preposições introdutoras de complemento indireto dativo de verbos bitransitivos, especialmente no que concerne ao uso da variante \emptyset , como uma conseqüência direta de um processo de *transmissão lingüística irregular* a partir do contato profundo e massivo do português com línguas africanas, principalmente (LUCCHESI, 2003, p. 281). Estruturas como as apresentadas abaixo foram identificadas pelo autor na fala da comunidade rural afro-descendente baiana de Helvécia, comunidade esta que mantém grandes semelhanças sócio-históricas com as comunidades dos Almeidas e de Pombal, focos deste estudo:

(42) Gente de tempo é assim, se dou \emptyset o sinhô marcriação...

(43) Com remédio, comprava purgante, dava \emptyset esses o purgante. (LUCCHESI, 2001, p. 121)

Em trabalho anterior, Lucchesi (2001, p. 120-121) deixa claro que a presença da variante \emptyset no português popular do Brasil é um caso de reestruturação original da gramática portuguesa devido ao processo de *transmissão lingüística irregular*. Os principais argumentos utilizados pelo autor para essa afirmação são o fato de o uso da variante \emptyset não ser “atestada em nenhum estágio pretérito da evolução do português” e o “notável paralelo [que] pode ser feito com os crioulos portugueses em África” (LUCCHESI, 2001, p. 121).

Por outro lado, no âmbito dos estudos sociolingüísticos que se debruçam sobre as origens de determinadas características do português brasileiro, os trabalhos de Maria Marta Pereira Scherre e Anthony Julius Naro destacam-se por levar a cabo a idéia da deriva natural da língua portuguesa. A vasta produção bibliográfica destes pesquisadores tem como base a idéia de que as características morfossintáticas e fonológicas do PB são “heranças românicas e portuguesas arcaicas e clássicas” e não o resultado de modificações mais recentes originadas no contato com as línguas trazidas

por africanos escravizados (SCHERRE; NARO, 2007, p. 17). Na visão dos autores uma “confluência de motivações”, entendida como a atração de forças de diversas origens – algumas oriundas da Europa, outras da América, outras da África – juntas, teriam se reforçado para produzir o português popular do Brasil (SCHERRE; NARO, 2007, p. 25). Para Naro e Scherre, nenhum papel relevante é atribuído a um suposto crioulo de base lexical portuguesa, entendido como uma língua falada pela comunidade negra e estruturalmente diferente da de outras etnias em contato no Brasil. Os autores destacam, ainda, forças como a deriva secular trazida da Europa, o papel dos índios e de demais etnias presentes na história do Brasil e da contribuição pidnizante dos próprios colonos portugueses (ibid., p. 26).

Scherre e Naro (2007, p. 52-53) não vêem qualquer tipo de ganho significativo na idéia de transmissão lingüística irregular. Para estes autores, “a noção atenuada de criouliização não tem conteúdo empírico, já que praticamente toda a história lingüística poderia ser classificada como subjacente a processos de criouliização em maior ou menor grau”. Os pesquisadores propõem, então, uma “abordagem conciliatória” com relação às origens do português popular do Brasil, na qual postulam que a origem primeira de fenômenos variáveis veio de Portugal e que as condições de pidnização endêmica e a aprendizagem de segunda língua em fase adulta⁶, predominante em toda a história do Brasil, mesmo antes da chegada dos escravos, aceleraram e exageraram as tendências iniciais durante o processo de *nativização* da língua portuguesa pelas comunidades falantes de outras línguas.

Por *nativização*, Scherre e Naro (2007, p. 53) compreendem a passagem de uma língua não-nativa a língua nativa de uma comunidade de fala, excluindo qualquer hipótese com relação à natureza da língua em suas formas não-nativas. Para os autores, não há a pressuposição de que formas não-nativas subjacentes à *nativização* (i.e. formas do português) tenham sido reduzidas ou simplificadas na comunidade em foco, uma vez que essas formas já existiam, e sempre existiram, no sistema português.

Como um dos objetivos deste trabalho é buscar indícios de variação no uso de preposições introdutoras de OI dativo de verbos bitransitivos, são apresentadas nesta

⁶ Posição semelhante é apresentada, baseada em dados do Tupi antigo em comparação com o PB e o PE, em Lobato (2006).

seção algumas ocorrências que atestam a existência de variação entre presença e ausência de preposições em textos escritos do português arcaico. Apesar de, em termos de frequência, serem impressionisticamente marginais, acredita-se que essas ocorrências sejam indícios importantes de que esse fenômeno já fazia parte do sistema linguístico português antes de sua chegada em solo brasileiro e, principalmente, antes do contato entre europeus e africanos no Brasil. Assim, pode-se identificar as seguintes ocorrências de variação no uso de preposição, nos textos diacrônicos analisados neste trabalho:

(44) “Como subre todas as cousas do mundo os omees deuen a teer e a guardar lealdade **a** el rey, assy son teudos de a teer e a guardar **a** seus filhos e **a** sas fillas que depoy del deue) a reynar, e deue) a amar e a guardar Ø os outros seus fillos come fillos de senhur natural” (FRAX).

(45) E se o diser peyte C. maraudis **a** el rey... (FRAX) / “E qualquer que contra estas cousas sobredictas ueer e alguma ren fezer, peyte o dyzimo dublado a meyadade **pera** el rey e a outra meadade **pera** o bispo...”(FRAX).

(46) “Outrosy mandamos que se alguu fezer carta de doaço de ssas cousas **a** outri) e a carta teuer aquel que a fezer primeyro, possalha tolher se quiser e dala Ø outri) e fazer delha o que quiser” (FRAX).

(47) “E Apollonio ya ensinando e castigando da fe de Deus Ø os que o levavam presos” (FLOS)

(48) “E aly estando, chorava muyto sa culpa e rogava Ø Deus que lhi perdoasse.” (FLOS)

(49) “E quando chegarom ao moesteiro, rogarom Ø os frades que os recebessem em sa ordem.”(FLOS)

(50) “E quando sã Nono aquesto ouvyo, envyou rogar Ø os outros bispos que veessem a el.”(FLOS)

(51) “leuaua njcolaa coelho cascauees e manjlhas e Ø huus daua huu cascauel e aoutros huua manjlha.” (CPVC)

Como apresentado, as formas em variação encontradas no português falado pelas comunidades rurais observadas neste estudo podem ser atestadas em fases pretéritas do português, demonstrando que a ORIGEM dessas formas não se deve ao contato entre português e línguas africanas no Brasil. A hipótese deste estudo é que a aquisição do português como segunda língua por aloglotas adultos, durante todo o período de colonização brasileira, tenha favorecido a DIFUSÃO das formas *para* e \emptyset em contextos dativos, uma vez que há motivações funcionais para isso (cf. 4.3), não importando quais as línguas primeiras dos aloglotas.⁷ Resultados de estudos sobre a aquisição de estruturas dativas do português ilustram e embasam essa hipótese.

Oliveira (2005) ao observar a aquisição de complementos verbais dativos do português como segunda língua por falantes de línguas bantu, em Moçambique, toma como ponto de partida três níveis de fluência da língua portuguesa. Essa autora busca verificar em que medida a língua materna dos moçambicanos interfere na aquisição do português como segunda língua, levando em consideração o fato que “se a aquisição é fruto tão somente do jogo de forças entre L1 e L2, a preposição *para* fica excluída na realização do objeto indireto” (OLIVEIRA, 2005, p. 530), uma vez que no PE, língua-alvo dos moçambicanos, a preposição que introduz o OI é tão somente *a*.

A autora observa que na fase inicial de aquisição reina a variante \emptyset , o que segundo ela pode ser um indício da interferência da língua materna sobre a segunda língua, na língua materna dos informantes o verbo é tomado como uma unidade complexa que dá caso aos dois complementos dos verbos bitransitivos.

Nessa fase, o falante se prende à classe nominal [+ humano] das línguas bantu e identifica a preposição *a* como a marcadora desse caso independentemente da função sintática de objeto direto ou indireto.

Além disso, Oliveira destaca que o uso da preposição *para* precede o da preposição *a*, apesar de permanecer com baixo índice de frequência ao longo do

⁷ Posições semelhantes são apresentadas por Scherre e Naro (2007), com o conceito de *nativização* e por Lobato (2006) para quem a “formação do português do Brasil se deu em virtude de a aprendizagem do português pela maioria da população do Brasil durante os séculos XVI, XVII e XVIII ter ocorrido como segunda língua em idade adulta”, sem influência estrutural direta de línguas indígenas, gerais ou africanas (LOBATO, 2006, p. 54).

processo de aquisição (11,9%). Só na terceira fase da aquisição é que se impõe o uso de *a* introduzindo OI (OLIVEIRA, 2005, p. 530).

Oliveira questiona o fato de a preposição *para* estar presente no *input* dos falantes moçambicanos apenas em complementos oblíquos e não em complementos dativos e, mesmo assim, ser usada em OI dativos. Para a autora, o uso de *para* em complementos dativos no português moçambicano deve-se à reanálise de *input*. Com verbos de movimento, essa preposição é adquirida com valor de Meta [+ permanente]. Além disso, é possível encontrar dados em que *para* é usada com valor final já no primeiro estágio de aquisição. Para Oliveira, a partir desses contextos a preposição *para* passa a ser o marcador de Meta/Finalidade, aplicando-se a regra para complementos dativos. A autora esclarece que, nesse caso, não se trata de interferência da L1 no processamento da L2, mas de uma aproximação da língua-alvo a partir de uma espécie de gramaticalização no sentido finalidade > meta (OLIVEIRA, 2005, 531).

Apesar de os dados utilizados por Oliveira não apresentarem sistematicidade longitudinal para a observação de todo o processo de aquisição do português como segunda língua⁸, alguns de seus resultados possibilitam importantes correlações. A primeira delas é a preferência pela preposição *para*, mesmo não estando disponível no *input* de construções dativas. Como já mencionado para as comunidades rurais goianas, essa preposição é semanticamente mais transparente e por isso mais usada. A preposição *a* é interpretada como mais formal e mais abstrata, logo seu uso é mais restrito e sua aquisição mais bloqueada. De acordo com Oliveira (2005, p. 530), é apenas no grau três de fluência que o uso da preposição *a* se inicia e se impõe na posição de objeto indireto.

Quanto à variante Ø, Oliveira afirma ser sua existência consequência da influência da língua materna dos falantes moçambicanos, uma vez que ela é usada por apenas uma falante com grau um de fluência e tende a desaparecer na fala dos indivíduos mais fluentes em português. Acredita-se, defendendo a hipótese deste estudo, que a existência de Ø deva-se mais à aquisição do português como língua segunda do que à influência estrutural da língua materna sobre o português. De qualquer forma,

⁸ A autora analisa 17 ocorrências de complementos dativos preposicionados do português moçambicano oriundos de quatro transcrições de fala de informantes de Maputo, divididas em três graus de fluência.

mesmo considerando-se uma possível influência da língua primeira dos falantes moçambicanos sobre o português, é de se estranhar que o português brasileiro apresente essa variante de forma mais freqüente do que o português de Moçambique, que possui contato infinitamente maior e mais profundo com línguas do grupo bantu. Se a variante \emptyset se tratasse de um caso de reestruturação original da gramática, como argumenta Lucchesi (2001) para o PB, seria de se esperar uma maior recorrência e maior difusão dessa construção também em dados do português moçambicano.

6. Conclusão

O propósito central deste trabalho foi investigar a sistematicidade subjacente à variação no uso das formas *a~para~ \emptyset* introdutoras de complementos dativos de verbos bitransitivos em comunidades rurais goianas. Os resultados quantitativos, obtidos através do VARBRUL 2S, mostraram que a gramática desta comunidade não prescinde da codificação do dativo, seja através de uma forma preposicionada ou de um clítico anafórico. A ausência da preposição ocorre em apenas 7% das ocorrências analisadas, restringindo-se ao contexto de complementação dos verbos *pedir, ensinar, perguntar e dar*. A preferência pela preposição *para* é latente (74% das ocorrências) em detrimento da preposição *a*, presente em apenas 1% do total de ocorrências analisadas.

O uso da preposição *a* parece estar diretamente relacionado com contextos nos quais o OI apresenta o traço semântico [divinizado] e se vincula ao discurso religioso. Nestes casos, o OI não representa um receptor [+ humano] e a relação semântica estabelecida entre o verbo e seus complementos não denota transferência material, contexto prototípico de construções dativas. O uso da preposição *a*, nesses contextos, assemelha-se ao de construções cristalizadas na língua. Esses resultados confirmam-se também nas amostras de fala das comunidades de Pombal, Traíras e Acaba Vida/Faz Tudo.

A distribuição das variantes em função das variáveis extralingüísticas postuladas para a comunidade dos Almeidas apontou que a variação não sofre influência da

variável *sexo*. A análise em tempo aparente demonstrou que a preposição *para* é a mais usada em todas as faixas etárias, apontando uma maior frequência de uso na faixa etária mais jovem. Esta configuração, aliada ao baixo uso da preposição *a*, de \emptyset e de clíticos anafóricos entre os falantes mais jovens, possibilita a constatação de que a gramática da comunidade de fala dos Almeidas está passando por um processo de mudança em direção ao uso categórico de *para*, na expressão do dativo. A variável *informante* demonstrou que \emptyset é mais freqüente na fala de indivíduos menos escolarizados e que *para* é a forma mais usada pelos falantes mais escolarizados, que não fazem uso de \emptyset .

Quanto às variáveis independentes lingüísticas, pode-se observar que, na fala dos Almeidas, a adjacência em relação ao V é o contexto preferencial de ocorrência de OI, sendo este o contexto sintático que mais favorece \emptyset .

A análise da variação em amostras de outras comunidades rurais goianas, juntamente com a amostra de fala dos Almeidas, comprova que o contexto de adjacência de OI em relação ao V é o fator mais influente na ocorrência de \emptyset . Além disso, constata-se que a ausência da preposição é mais favorecida em contextos mais prototípicos de construções dativas, nos quais o OI representa um receptor com traços semânticos [+ humano, + animado], denotam transferência (material ou não, e apresentam OD e OI explícitos, com OD de núcleos lexicais e OI de núcleos pronominais.

Essa configuração da variação levou a postulação de que se trata de um fenômeno de natureza funcional. Princípios como o da *prototipicidade*, *iconicidade* e *economia* das formas lingüísticas foram usados para demonstrar que a presença de \emptyset é favorecida quando a preposição representa uma informação contextualmente recuperável e não gera perda informacional. A preferência pela preposição *para*, bem como as demais características estruturais e sociais observadas nas amostras de fala analisadas, indicam que esta preposição é semanticamente mais transparente na expressão do conteúdo dativo e socialmente mais neutra em relação à preposição *a* e \emptyset .

A busca por indícios das variantes na diacronia do português revelou que as formas *para* e \emptyset já se configuravam na estrutura da língua. Este fato corrobora a hipótese de que a origem do quadro variável sincrônico observado em comunidades rurais goianas não é resultado de contato com línguas africanas no Brasil.

Embasa esta hipótese o fato de as formas *para* e \emptyset estarem presentes em dados de aquisição do português como segunda língua por falantes de línguas maternas diferentes.

Conclui-se, assim, que a variação observada nas comunidades rurais goianas segue a mesma tendência estrutural geral do português no Brasil, que indica uma mudança em direção ao uso exclusivo de *para* na expressão do dativo, preposição esta mais clara quanto ao seu conteúdo semântico e já disponível no sistema português desde fases arcaicas da língua. A forma \emptyset , também mais transparente para contextos dativos e já presente em fases pretéritas do português, ainda permanece em algumas variedades do português brasileiro menos influenciadas pela escolarização.

7. Referências bibliográficas

BAXTER, A.; LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. In: **Estudos lingüísticos e literários**. n.19, 1997. p.65-84.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BISPO, K. C. I. **A sintaxe do dativo no português**. 2004. Disponível em: www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno14-02.html, acesso em 06/06/2005.

BRUYN, A.; MUYSKEN, P.; VERRIPS, M. Double-object constructions in the creole languages: development and acquisition. In: DEGRAFF, M. (ed.). **Language creation and language change: creolization, diachrony, and development**. Massachusetts: MIT Press, 1999. p.329-373

GOMES, C. A. **Aquisição e perda de preposição no português do Brasil**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. Inédito.

_____. Dative alternation in Brazilian Portuguese: typology and constraints. In: **Language design journal of theoretical and experimental linguistics**. Universidade de Granada.V.5.n.1., 2003a. p. 67-78. Disponível em: http://elies.rediris.es/language_design/ld5/abreu.pdf, acesso em 10/03/2006.

_____. Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2003b. p. 81-96.

GOMES, C. A.; MOREIRA, A. L. B.; SOUZA, C. M.; VIEIRA, M. C. P. Pressões estruturais e discursivas no condicionamento da variação: a ordem dos complementos verbais no português brasileiro. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). **Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 Letras, 2003. p. 199-205.

LOBATO, L. M. P. Sobre a questão da influência ameríndia na formação do português do Brasil. In: SILVA, D. E. G. (org.). **Língua, gramática e discurso**. Goiânia: Cânone/GELCO, 2006. p. 54-86.

LUCCHESI, D. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira**: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. Inédito.

_____. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000). In: **DELTA**, n.17:1, 2001. p. 97 – 130.

_____. O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). **Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 Letras, 2003. p. 272 – 284.

LUFT, C. P. **Moderna gramática brasileira**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Globo, 2000.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca, 1922**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NASCIMENTO, A. M. **A variação na expressão do dativo em variedades lingüísticas rurais goianas**. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2007. Inédito.

OLIVEIRA, M. A aquisição da preposição no português como L2: complementos verbais dativos. **Anais do IV Congresso da Associação Brasileira de Lingüística**. Brasília, 2005. p. 525-534.

_____. A perda da preposição *a* e a recategorização de *lhe*. In: **Estudos Lingüísticos**, 2004. p. 292-297

PÁDUA, H. R. **Lingüística e história em Acaba Vida**. Brasília/Goiânia: Ministério da Integração Nacional/UFG, 2002.

RAMOS, J. M. **Marcação de caso e mudança sintática no português do Brasil**: uma abordagem gerativa e variacionista. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1992. Inédito.

RESENDE, T. C. C. **Dinâmica do contato dialetal**: estudo sociolingüístico em Conceição do Ibitipoca – MG. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. Inédito.

REZENDE, T. F. **Discurso e identidade etnocultural na comunidade de Pombal – GO**. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2000. Inédito.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 18ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

SARAIVA, M. E. F. A elipse de preposição no português à luz dos princípios da motivação econômica e da motivação icônica. **Estudos Lingüísticos XVI**, Anais de Seminários do GEL. Taubaté, 1988. p. 241-248.

SCHER, A. P. **As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil:** um estudo sintático comparativo. Dissertação de Mestrado. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem /UNICAMP, 1996. Inédito.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. **Origens do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2007.

TEIXEIRA, J. A. **Estudos de dialetologia portuguesa:** Linguagem de Goiás. São Paulo: Anchieta, 1944.

TORRES MORAIS, M. A. C. R. **A preposição e a caracterização do objeto indireto:** aspectos sincrônicos e diacrônicos, 2004. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlc/lport/CTorresMorais001.pdf>, acesso em 29/10/2006.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical Foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. **Directions for historical linguistics.** Austin/London: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.

Domínios de Lingu@agem